

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**GESILENE AIKDAPA**

**CASAMENTO TRADICIONAL DO POVO RIKBAK TSA**

**Barra do Bugres  
2016**

**GESILENE AIKDAPA**

**CASAMENTO TRADICIONAL DO POVO RIKBAK TSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso– UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

**Barra do Bugres  
2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

A291c AIKDAPA, Gesilene.

Casamento Tradicional Do Povo *Rikbaktsa* / Gesilene Aikdapa. – Barra do Bugres, 2016.

37 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

1. Povo *Rikbaktsa*. 2. Casamento. 3. Cultura. I. Leão, M. F., Me. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

**GESILENE AIKDAPA**

**CASAMENTO TRADICIONAL DO POVO *RIKBAK TSA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Barra do Bugres, 26 de abril de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira  
Professora Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena R. Paes  
Professora Avaliadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Cidele da Cruz  
Professora Avaliadora

**Barra do Bugres  
2016**

## EPÍGRAFE

*Todos os trabalhos têm um objetivo e este tem a finalidade de não deixar a cultura Rikbaktsa enfraquecer... Tenho a certeza de que esta escrita é uma forma de continuar plantando e colhendo bons frutos porque ele será compartilhado com inúmeras pessoas, da minha cultura e de outras.*

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos e a todo meu povo. Com muito carinho, este trabalho será disponibilizado para toda a minha comunidade e este é o motivo fundamental da pesquisa e escrita deste dele.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda comunidade Rikbaktsa que me ajudou nas informações para escrever este trabalho. O mesmo servirá para futuras gerações como fonte de pesquisa sobre o casamento tradicional do povo Rikbaktsa.

Com muito carinho agradeço aos meus filhos Geonivelton, Riquelme e Alifer e ao meu esposo Givanildo que me deram apoio para a conclusão do meu estudo. Quase em todas as etapas quando eu saía para estudar, ficavam chorando em casa, na aldeia. Sei que a minha família acreditou que eu pudesse realizar os meus sonhos, registrando uma pequena parte da história do meu povo neste trabalho sobre o casamento Rikbaktsa. Temos capacidade de pesquisar e registrar a nossa própria história com as nossas próprias mãos e pensamento.

Agradeço ao meu pai Paulo Henrique Martinho Skiripi que esteve do meu lado em vários momentos.

Os incentivos não faltaram e possibilitaram a complementação do meu estudo. O curso feito durante os cinco anos não foi nada fácil.

Agradeço aos meus companheiros de estudo. Muito obrigada por me ajudar e me dar atenção nos momentos mais difíceis!

A coordenadora do curso de formação em Licenciatura Indígena Intercultural, a professora Mônica Cidele da Cruz e ao Diretor do Curso, o professor Adailton Alves da Silva, a minha orientadora professora Waldinéia Antunes e a todos que direta ou indiretamente contribuíram neste relevante projeto de Formação de professores em Licenciatura Intercultural Indígena em Ciências Sociais. Agradeço ao programa PIBID, pelo incentivo na produção de material escrito da cultura do meu povo.

Agradeço à FUNAI, à SESAI pelo apoio de deslocamento e de atenção à saúde.

De maneira especial, agradeço às anciãs Maria de Rosália Rikbaktatsa e Maria Lúcia Rikbaktsa e ao meu avô Roque Mãikata Rikbaktsa.

A todos fica o meu sincero abraço!

## RESUMO

A preservação das histórias sempre está em toda sociedade humana independente de cor e religião e deve ser respeitada e preservada. O objetivo deste trabalho é registrar o máximo sobre o casamento Rikbaktsa e um dos artesanatos que são usados nesse ritual, o colar de casamento. Este trabalho servirá muito para meu povo. É importante registrar porque fica um documento da nossa identidade. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com a realização de entrevista com duas anciãs sobre o casamento tradicional Rikbaktsa. As consultas foram feitas em Pires (2009) e Petená (2010). A pesquisa mostrou que é preciso registrar o casamento tradicional e que temos muitas ameaças e uma delas é sobre o possível desaparecimento do caramujo com as construções das PCHs. Com este trabalho deixamos a marca da resistência indígena dizendo que estamos presentes acompanhando a transformação social do mundo moderno, mas nunca deixando de ser indígenas. O casamento Rikbaktsa é um patrimônio imaterial que faz parte da cultura do nosso povo.

**Palavras-chave:** Casamento. Cultura. Povo Rikbaktsa.

## LISTA DE QUADRO

Quadro 1 –	Clãs para casamentos.....	19
------------	---------------------------	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Reunião entre famílias Rikbaktsa para o acerto de casamento .....	20
Figura 2 –	Colar de casamento .....	23
Figura 3 –	Casal do Clã Arara amarela e Cabeçuda .....	26
Figura 4 –	Clã arara cabeçuda e clã arara amarela .....	27
Figura 5 –	Terra Indígena Erikbaktsa .....	30
Figura 6 –	Terra Indígena Japuira .....	31
Figura 7 –	Terra Indígena Escondido .....	32
Figura 8 –	Mapa das três terras Indígena Rikbaktsa.....	33

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPITULO I – SOBRE O POVO RIKBAKTSA .....</b>	<b>12</b>
1.1 Mito de Origem .....	12
1.2 Aspectos históricos, culturais e linguísticos .....	15
1.3 Organização Social .....	19
<b>CAPITULO II – O CASAMENTO RIKBAKTSA.....</b>	<b>20</b>
2.1 O colar do casamento – <i>Tutãrã</i> .....	22
2.2 A preparação da mulher Rikbaktsa para o casamento .....	24
2.3 Preparação do homem para o casamento.....	25
2.4 As regras do casamento .....	26
<b>CAPITULO III – SITUAÇÃO ATUAL E AMEAÇAS AO CASAMENTO RIKBAKTSA .....</b>	<b>28</b>
3.1 Ameaças de não realização do casamento tradicional Rikbaktsa.....	28
3.2 A construção das PCHs também interfere no casamento tradicional .....	29
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>CONSULTORES NATIVOS.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O tema escolhido para minha pesquisa foi sobre o casamento tradicional do povo Rikbaktsa. A escolha é porque o meu povo Rikbaktsa tem realizado muito pouco a cerimônia de casamento, pois está sendo esquecida pelas pessoas mais jovens da aldeia e isso, é uma das preocupações das lideranças. Por falta de informação, muitas vezes, os jovens estão se casando com seus próprios clãs e, com isso, os anciões estão muito tristes e preocupados. A forte pressão da sociedade civil influencia diretamente na nossa cultura, desviando a atenção dos mais jovens.

Este tema vai ajudar muito a minha comunidade e também na escola, pois podemos deixar registrada a nossa verdadeira história de cerimônia de casamento. O trabalho escrito e registrado facilita o trabalho didático, pois o casamento tradicional pode ser trabalhado em sala de aula com os nossos alunos. Assim, as nossas crianças e jovens podem manter viva a nossa identidade cultural que está sendo deixada aos poucos.

O objetivo geral da pesquisa é registrar a preparação do casamento tradicional e os objetivos específicos são registrar a cerimônia tradicional e as mudanças que foram acontecendo no casamento, como era a preparação do homem e da mulher para o casamento; saber quais as regras e os materiais usados na hora do casamento.

A pesquisa foi realizada na Terra Indígena Erikbaktsa que fica no município de Brasnorte nas aldeias: Barranco Vermelho, Laranjal, Boa Esperança e Cabeceirinha. A metodologia de pesquisa utilizada foi a bibliográfica e de campo. Foi feita entrevista com 02 anciãs e também com a comunidade de Barranco Vermelho ouvindo os relatos. A anciã mais velha fala pouco na língua portuguesa e o meu avô me acompanhou sendo o tradutor do que ela falava. A escrita sobre o casamento tradicional deste trabalho está baseada na fala dessas consultoras nativas, que são sábias do nosso povo. No momento oportuno foi feito registro fotográfico e desenhos que foram inseridos neste trabalho.

O trabalho está dividido em partes textuais que facilitará a leitura. Assim, a primeira parte tem como título: Sobre o povo Rikbaktsa: origem, aspectos históricos, culturais, linguísticos, organização social, população e localização. Escrevemos um texto onde apresenta os aspectos gerais do meu povo.

A segunda parte textual intitula-se: O casamento Rikbaktsa. É o lugar onde as anciãs foram de muita importância porque ajudaram a produzir um texto sobre como era o casamento do meu povo. E finalizamos com uma última parte em que o título é: Situação atual e ameaças ao casamento Rikbaktsa. Por fim, apresentamos as considerações finais.

## CAPITULO I – SOBRE O POVO RIKBAK TSA

O povo Rikbaktsa encontra-se no Estado de Mato Grosso, nos municípios de Brasnorte, Juara e Cotriguaçu. Também somos conhecidos como canoeiros, porque navegamos muito de canoa.

Hoje a população Rikbaktsa é de 2100, conforme os dados fornecidos pela senhora Fabiana, enfermeira da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI/2016).

São 34 aldeias registradas e estão distribuídas em toda a área das Terras Indígenas: Japuira (Juara), Terra Indígena do Escondido (Cotriguaçu), Terra Indígena Erikbaktsa (Brasnorte) quase todas elas, ficam na margem do rio Juruena. Nas margens do rio do Sangue e Arinos também há aldeias.

Para nós os Rikbaktsa, o ambiente é significativo porque é dele que retiramos a maioria das coisas das quais precisamos para a nossa sobrevivência. Sempre preservamos muito o meio ambiente, não vendemos madeira e nem fazemos a extração de minério. O meio ambiente para nós é muito importante porque é através dele que tiramos o nosso sustento como: a caça e a pesca. Essas atividades são desenvolvidas pelos homens e a coleta de alimentos é mais feita pelas mulheres, mas homens e crianças também ajudam.

### 1.1 Mito de origem

Todo povo tem um mito de origem. O mito é uma verdade que explica a nossa origem. O meu avô Roque Mãikata Rikbaktsa conta que antigamente todos os animais eram seres humanos. Esses animais conversavam, e na aldeia havia uma mulher que tinha um menino, e sempre que ela ia para a roça deixava o menino em casa. Havia outra mulher que tinha muita inveja dessa mulher que tinha filho. Então, um dia ela foi no lugar onde aquela mãe deixava o filho. Chegando lá ela pegou o menino e o apertou, mexeu na piroca dele e foi com tanta força que ficou bem inchado.

Quando a mãe do menino chegou em casa, a criança estava chorando. A mãe olhou o corpo do menino e viu que ele estava machucado na piroca. Ela disse para o filho:

– Vamos no mato que eu vou passar um remédio em você e vai ficar bom, nunca mais vai sofrer, ficará forte.

Ela levou o filho ao mato e passou muito remédio da mata no corpo do menino. E depois o deixou no mato. Todos os dias ela ia vê-lo. Ele foi crescendo e ficando muito forte e foi virando uma anta. Ela disse para ele:

– Daqui para frente você será uma anta e todos que tentarem lhe flechar não conseguirão te matar porque o seu couro é bem duro. Só irá te matar se descobrirem o lugar certo.

Essa anta foi crescendo e um dia o animal foi tomar banho na lagoa. Chegando na lagoa encontrou uma mulher. Era a mesma mulher que havia judiado dele quando era criança.

A anta ficou atraída pela mulher e teve relação sexual com ela.

Quando a mulher foi embora para a aldeia, chegou e contou para as outras mulheres. As outras mulheres ficaram curiosas e queriam experimentar, assim combinaram em ir ao lago no outro dia quando o marido delas saísse para caçar.

E isso aconteceu, quando os seus maridos saíram para caçar, as mulheres saíram da aldeia e foram também conhecer a anta e todas ficaram tendo relação sexual com a anta. As mulheres tinham papagaios e quando chegavam na lagoa colocavam seus colares no pescoço dos papagaios para que a cabeça do papagaio ficasse abaixada e ele não visse e não contasse para o marido delas com quem estavam tendo relação sexual.

Os maridos delas já estavam desconfiados porque elas iam para o rio e nunca voltavam. A demora era porque elas ficavam brincando com a anta. Com a demora, os maridos mandaram o macaco ir ver o que estava acontecendo. O macaco saiu pulando e fazendo barulho nos galhos, as mulheres escutaram e falaram para a anta ir embora porque estava vindo gente. Então o macaco não conseguiu ver nada. Assim, o macaco voltou e contou aos maridos que não havia nada. Mas eles não acreditaram.

No outro dia, mandaram *tsitsarbo* e esse também foi ver. Só que ele fazia barulho em ondas nas folhas. Voltou e disse aos maridos.

– Elas só estão banhando...ele também não viu nada.

E por último enviaram o caxinguelê. Esse animal anda na mata sem fazer barulho, ele não faz barulho nos galhos. Aí ele chegou em silêncio e viu que as mulheres estavam tomando banho com a anta. Ele voltou e contou aos maridos. Disse que as mulheres estavam namorando com a anta.

Os homens ficaram muito brabos, fizeram muitas flechas escondida das mulheres e falaram para elas que iriam fazer uma caça bem longe, elas acreditaram e quando os maridos saíram elas foram para o lago. A anta veio e ficaram juntos, todos alegres. Nessa hora, os maridos chegaram e disseram:

– Assim que vocês ficam?! Nem ficam na casa para preparar os alimentos para nós. Agora vocês vão ver, nós vamos matar essa anta.

Flecharam a anta, mas não conseguiram matar por causa do remédio que sua mãe havia passado no corpo quando era criança. A anta, de tanto correr, foi ficando fraca e foram muitas flechadas e uma foi no lugar certo, até que matou a anta.

As mulheres ficaram brabas e tristes com seus maridos, choraram muito e disseram que não queriam mais ficar com eles.

Então planejaram entre elas, sem os maridos escutarem que iriam embora. Ficavam lamentando a morte da anta e decidiram que iriam embora mesmo.

– Nós vamos embora, porque os nossos maridos mataram o nosso namorado.

Um dia os maridos foram caçar e elas pegaram suas coisas e foram embora. Ficaram bem longe e chegaram num lugar que tinham que atravessar um rio. Do outro lado do rio, tinha uma mata alta, lugar bem bonito. Elas ficaram pensando e se perguntando:

– Como vamos atravessar esse rio se não temos canoa?

Nesse lugar, tinha um macaco preguiça bem velhinho e ele estava olhando as mulheres.

Ele falou:

– Eu posso ajudar vocês atravessarem do outro lado do rio.

Elas não acreditaram e disseram que era mentira.

Ele disse novamente que podia ajudar e perguntou:

– Por que vocês querem atravessar o rio.

Elas contaram que estavam fugindo dos seus maridos, porque eles tinham matado o namorado. Queriam ir para outro lugar onde eles nunca mais as encontrassem.

Depois de ouvir a história das mulheres, o macaco resolveu ajudar, mas, para isso, foi chamar o jacaré.

Veio um jacaré bem grande e perguntou ao macaco:

– Por que está me chamando?

Disse o macaco:

– Para atravessar essas mulheres para o outro lado do rio.

Então, o jacaré pediu para que as mulheres bonitas sentassem nas costas dele. As feias deveriam ficar atrás no rabo. Aí elas aceitaram. E ele pediu mais uma coisa: Quando eu estiver bem no meio do rio eu vou soltar uma catanga bem forte e eu não quero que ninguém faça careta de nojo e nem guspa.

Elas disseram:

– Tá bom, vamos aguentar tudo.

E quando chegou bem no meio do rio ele soltou uma catanga bem forte.

Uma das mulheres não aguentou o cheiro e passou a mão em sua própria boca e o jacaré viu. Assim, ele afundou com todas elas. Assim, se afogaram e se transformaram em peixes. As mulheres bonitas viraram piava, matrinchã, pacu e as feias cará, papa terra, os peixes mais feios.

Os maridos não desistiram de suas esposas e foram atrás delas e, quando chegaram naquele lugar, viram o macaco que estava olhando para eles. Perguntaram:

– Macaco, você viu um grupo de mulheres passando por aqui?

– Não!

Os homens insistiram e disseram que sabia que elas haviam ido para aqueles lados. Eles ameaçaram o macaco para que falasse a verdade. Com medo de morrer, o macaco contou toda a história e que elas haviam tentado atravessar com o jacaré, mas não tinha dado certo.

Contou que as mulheres haviam se transformado em peixe.

O macaco preguiça olhou para a água e falou:

– Olha aí dentro da água... Esses peixes são elas.

Os maridos ficaram preocupados, pensando como iam fazer para pegar as mulheres de volta. Pediram uma rede para o macaco preguiça e ele disse que não tinha. Um dos maridos falou:

\_ Você tem sim!

Aí o macaco deu pra ele uma rede bem velha. O homem jogou a rede na água e conseguiu pegar uma piava grande e bonita. A piava pulava tanto que escapou e foi de volta para o rio.

Um dos homens perguntou:

– Macaco, você tem outra rede?

O macaco disse que não tinha. Mas os maridos pegaram a rede na marra e jogaram de novo na água. Um dos homens orientou que quando um deles pegasse, deveria jogar o peixe bem longe da água.

Assim jogaram a rede na água de novo e conseguiram pegar o cará. Levou ele para o seco, assim é que o povo Rikbaktsa veio através do cará. Um deles casou com esse peixe e foi tendo filhos e os seus filhos foram casando com outras pessoas da aldeia e foram aumentando e formando as famílias.

## **1.2 Aspectos históricos, culturais e linguísticos**

No período do contato, de acordo com o Instituto Socioambiental- ISA, foi no ano de 1940 e foi muito difícil para o povo Rikbaktsa, devido muita pressão dos invasores que queriam invadir a nossa terra para explorar seringa nativa. Naquele período era o auge da economia brasileira. É por isso que tinha muito conflito com os não indígenas. Estou relatando que havia conflito com os não indígenas, mas não era somente com os não indígenas, era também com os outros indígenas que habitavam a mesma região.

De acordo com Pires (2009), para que este conflito viesse a ter fim e todos pudessem ter tranquilidade nesta região, este levou ao conhecimento da igreja católica na qual o pe. João Evangelista Dornstauder representante desta igreja tomou o cargo de pacificação e este inicia o trabalho que durou de 1956 a 1962 apoiado pela Missão Anchieta (MIA) esta ação chamada de pacificação recebeu financiamento foi patrocinado pelos próprios seringueiros que antes ocupavam os territórios e massacrava o povo indígena.

O trabalho foi realizado em três etapas, sendo que na primeira foi realizada a atração dos nativos. Na segunda houve a implantação dos Postos de Assistencial Indígena (PAIs) e na terceira e última etapa, a introdução dos indígenas no mundo do trabalho, através dos ensinamentos nos internatos indígenas e no Posto de Assistência Indígena (PAI) do Barranco Vermelho.

Ainda na primeira etapa do projeto o pe. Dornstauder disseminou a prática da não violência entre os seringueiros e propagou o não uso de armas de fogo. A seguir, começa a aproximação dos indígenas mediadas por presentes como miçanga, espelhos e ferramentas que eram deixados espalhados pelas malocas e quando os Rikbaktsa se acercavam, buscava um diálogo.

O primeiro encontro entre a empreitada comandada pelos jesuítas e os Rikbaktsa se deu em 30 de julho de 1957, em meio a floresta, quando a equipe avista uma maloca com vestígios de que os índios estiveram ali poucos minutos atrás. Deixaram alguns 'brindes' (machados, facas, tesouras e miçangas) e fincam a bandeira da pacificação e após algumas horas de espera o grupo aparece e inicia uma comunicação mediada por mímicas (PIRES, 2009, p.31).

O pe. Dornstauder descreve este primeiro encontro nas páginas de seu diário. Depois do contato e com o aparecimento de doenças dos não indígenas como gripe, sarampo e catapora as famílias Rikbaktsa foram morando cada vez mais perto do PAIs, e assim a missão Anchieta pacificava e ajudava na saúde, no controle das doenças. A Missão Anchieta era dirigida pelos jesuítas e segundo eles, antes era denominada Prelazia Nullius de Diamantino, criada em 22 de março de 1929 após desmembramento da Arquidiocese de Cuiabá.

O tronco linguístico do meu povo Rikbaktsa é o Macro-Jê. A língua materna ainda é falada em várias aldeias do nosso povo, geralmente, pelos anciãos e anciãs. Meu avô conta que quando foi levado criança para o internato do Utiariti era proibido de falar a língua e de praticar a cultura. Esse fato fez com que muitos parassem de falar na língua materna porque quando voltaram falavam mais em português. Mas, meu avô não esqueceu a língua materna. Hoje muitos jovens não falam a língua materna por causa das influências da língua portuguesa que é muito grande na aldeia. Mas alguns entendem porque tem pessoas na família que fala no idioma.

Nós ainda mantemos nossas tradições culturais. Ainda fazemos as danças culturais, porém, não são em todas as aldeias que são realizadas as festas culturais. As festas tradicionais que são realizadas na aldeia são: a festa da derrubada e a festa da época da chuva e da seca. Do mês de maio ao mês de outubro é a época da seca. A derrubada da mata para fazer a roça geralmente é entre os meses de maio a junho que vai preparando a terra para fazer a plantação que vai acontecer quando se aproxima o tempo da chuva entre outubro, novembro até abril que as plantações estão cheias de boas colheitas. A chicha é feita pelas mulheres para ser servida durante as festas.

Os homens e as mulheres participam com dança nas duas festas – a festa da derrubada e a festa da época da chuva e da seca. As crianças ficam assistindo os seus pais dançarem. Nessas festas são praticados os rituais da furação do nariz e da orelha que são feitas nos adolescentes homens e mulheres. Também é feita a tatuagem nas coxas e na boca das mulheres.

Nos homens a tatuagem é feita no peito e nas crianças são ranhadas nas pernas. São ranhadas com dente de cutia. Nós, os Rikbaktsa, acreditamos que o ranhando das crianças na perna tira o sangue ruim e faz com que elas cresçam fortes e sadias e sem preguiça.

Os filhos recebem o nome no momento de seu nascimento. Isto ainda se confirma desde quando ele está com seus primeiros meses de vida. Quando é menino até os 5 anos de idade, este geralmente está sempre próximo da sua mãe, quando chega uma idade de 7 a 8 anos em diante, ele começa a acompanhar seu pai na busca de alimentos (frutas) no mato. Também começa a aprender a caçar e a pescar.

Junto de seu pai aprende de tudo um pouco que seu pai faz como conhecer o local de pesca e caça, conhecer os remédios do mato, conhecer os nomes dos córregos, conhecer os perigos da mata para a sua defesa própria. O pai confecciona o arco e a flecha até que o menino aprenda a fazer o seu próprio arco e a flecha.

Os meninos começam a caçar com flechas desde pequenos, geralmente, a sua primeira caça são os peixinhos pequenos. A flecha que chamamos três pontas é a que mais usam quando são crianças. A outra flecha é chamada de machinho, ela tem uma única ponta que é feita de siriva<sup>1</sup> e serve para caçar peixes maiores e passarinhos. Os meninos constroem esconderijos, que é uma casa pequena de palha, onde ficam dentro em silêncio para sondar e flechar passarinhos ou pequenos animais que passam por perto.

A menina fica sempre perto da mãe e aprende a plantar e colher alimentos da roça, a fazer chicha e tecer algodão. Os meninos e as meninas participam da furação do nariz até hoje. Mas, não é mais obrigado, faz a furação de nariz das crianças que a família quiser.

A furação de nariz é um rito de passagem e esse ritual é sempre realizado no final das festas da chuva ou da seca. O rito de passagem não pode fazer a qualquer tempo, porque pode ser prejudicial à aquela pessoa. Por isso, existe todo um cuidado para que nada dê errado, pois este será um símbolo que levará para o resto de sua vida.

Além da furação de nariz, é realizada também a furação de orelha. Ainda vemos e fazemos em nossa aldeia a furação de nariz e orelha para pôr brinco de pena (*spirōro*). Mas a furação de orelha não é mais para colocar bodoque. Antigamente, as orelhas dos meninos eram furadas para colocar bodoque, isso acontecia com a idade de aproximadamente 14 a 15 anos, eles já tinham uma vida de pessoa adulta e furavam as suas orelhas para uso de bодоques.

Furar orelha para pôr bodoque está cada vez mais difícil ver, somente os jovens criados junto dos mais tradicionais é que colocam o bodoque. Os jovens criados junto os casais mais jovens já não fazem esta prática.

Antes todas as aldeias do meu povo tinham a casa dos homens para preparar o homem para a vida. Hoje existe a casa dos homens apenas em três aldeias, na aldeia Pé de Mutum, na aldeia Pedra Bonita e na aldeia Babaçu. Chega a uma fase da vida dos jovens que eles são obrigados a irem para casa dos homens (*mykyry*) é nesse lugar que eles obtêm o máximo de aprendizados para sua vida futuro. A educação das mulheres acontece em suas próprias casas.

Antes, tanto os meninos quanto as meninas Rikbaktsa, em cada fase da vida, recebiam um nome diferente, de acordo com os seus clãs, assim, a mudança de nome era constante, conforme a idade e ou *status* que ganham nos meios sociais Rikbaktsa.

Atualmente não se faz mais mudanças de nome porque implica direto no seu registro pessoal e cartorial (Certidão de nascimento) RG, CPF, título de eleitor como também implica

---

<sup>1</sup> Palmeira forte utilizada para fazer arco e ponta de flecha.

nos programas sociais, como auxílio estudante, programa de agricultura familiar, bolsa família, matrícula escolar e outros direitos garantidos na constituição federal.

Ainda é muito forte o uso das pinturas corporais pelo nosso povo. E cada pintura está relacionado com o clã a que pertencemos.

Com a integração no meio social não indígena, está cada vez mais rara a realização dos ritos de passagem, mas procuramos realizar sempre que é possível.

### 1.3 Organização Social

De acordo com a ISA, a sociedade Rikbaktsa é dividida em metades exogâmicas, uma associada à arara amarela (*Makwaratsa*) e outra à arara cabeçuda – um tipo de arara vermelha (*Hazobtisa*), cada uma subdividida em vários clãs, associados a animais e vegetais. Os casamentos na tradição são realizados entre as metades dos clãs. Devido a dificuldades derivadas da mortalidade pós-contato, com doenças e conflitos aconteceram alguns casamentos que não seguiu a tradição. Mas o casamento faz parte da nossa cultura e é um evento muito importante na comunidade do povo Rikbaktsa.

A seguir apresentamos o quadro abaixo demonstrando com qual clã a mulher deve se casar.

**Quadro 1 – Clãs para casamentos**

<b>Mulher/clãs</b>	<b>Homem/clãs</b>
M 1= <i>Makwaraktsa</i> – arara amarela	H 1= <i>Hazobiktsa</i> – arara cabeçuda
M 2= <i>Tsibaktsa</i> – arara vermelhinha	H 2= <i>Umahatsa</i> – figueiras
M 3= <i>Bitsitsiktsa</i> – bericil (frutas)	H 3= <i>Tsuaratsa</i> – macuco
M 4= <i>Mybayknytsa</i> – Macuco	H 4= <i>TsaWaratsa</i> – coquinhos
M 5= <i>Duuruktsa</i> – Onça preta	H 5= <i>Boroktsa</i> – árvore leiteira
M 6= <i>Wohiyktsa</i> – arara amarela (povo)	H 6= <i>Zeohopyrytsa</i> – jenipapo

**Fonte:** Organizado pela autora, 2015

A autoridade política da aldeia é o cacique, mas há lideranças e muito deles na atualidade são jovens.

## CAPITULO II – O CASAMENTO RIKBAK TSA

O casamento Rikbaktsa acontece até os dias atuais. É o momento mais difícil e ao mesmo tempo muito animado para a população Rikbaktsa. Antigamente, para fazer o casamento, o casal era escolhido pelo pai e pela mãe da menina, desde bem pequeno ou quando eram bem jovens em uma reunião. Eles conversavam e acertavam tudo (Fig. 1).

**Figura 1 – Reunião entre famílias Rikbaktsa para o acerto de casamento**



**Fonte:** Aikdapa, 2015

O pai da menina ou do menino oferecia a seu filho ou filha dependendo da situação, mas antes a menina ou o rapaz eram observados por ambas as famílias. Primeiro, observa-se o comportamento dos mesmos. A outra situação comum era as famílias observarem se o jovem era caçador, pescador ou trabalhador. Pois para saber cuidar da família o homem precisa saber desenvolver essas atividades, ser responsável. Um bom homem Rikbaktsa tem que ser um bom caçador, um bom pescador e um bom trabalhador para poder suprir as necessidades da sua família. Tradicionalmente, ele precisa ser mesmo muito bom caçador e também fazer coleta dos recursos que estão na natureza, e é por isso que o meio ambiente é muito importante. Além de ser um bom caçador e trabalhador, deve ainda ser o produtor de alimentos e também saber defender a sua comunidade.

Assim também a moça era e é observada. Ela deve ter boas qualidades e saber fazer chicha, tecer algodão e fazer todos os deveres de casa, inclusive, o artesanato.

As jovens meninas também tinham e têm seu cuidado tradicionalmente. De acordo com Skiripi (2002), as meninas tinham seus narizes perfurados aos 12 anos e também tomavam uma substância medicinal para reduzir as dores durante o parto quando fossem mães. Os pais é que decidiam se as suas filhas teriam ou não seus rostos tatuados para a cerimônia de casamento. Após o furo no nariz e, talvez, a tatuagem no rosto em seu casamento, a mulher tem o direito de receber um nome de adulto para substituir o de criança. Essa prática de mudar o nome já não é mais feita como já falei anteriormente, também não se faz mais a tatuagem no rosto para a cerimônia de casamento. Atualmente é comum as mulheres pintarem os seus corpos de acordo com a pintura do clã a que pertence e se enfeitarem com o colar de casamento.

Algumas vezes, o casamento era forçado pelos pais das duas famílias, mas tinha que se casar de qualquer jeito. Este era uma forma também de evitar ter menina mãe solteira, coisa que não existia antigamente. Há situações em que o próprio rapaz pedia e pede a menina por quem ele está interessado em se casar. Em pouco tempo, é realizada a cerimônia de casamento.

Quando o marido é muito ruim, ou a mulher é ruim para o marido, muitas vezes, é aconselhada a separação, pois é a melhor forma de viver tranquilo. Raramente acontecia briga entre o marido e a mulher e quando havia um problema sério entre o casal, todos tentavam resolver em conjunto com a família. A grande maioria dos casais se unia para sempre e assim tinham filhos e iam aumentando a família.

A cerimônia de casamento era assistida por toda comunidade e todos eram responsáveis por aquele casal, principalmente, a madrinha, que tinha muito que chamar atenção quando o casal não vivesse direito, quer dizer, se vivessem brigando um com o outro. Mas, era muito raro acontecer desentendimento. Mesmo que o casamento fosse realizado à força, aos poucos o casal ia se acostumando a viver juntos.

De acordo com a anciã Maria do Rosália Rikbaktsa os casais eram escolhidos desde crianças para se casarem porque as famílias tinham medo que casassem pessoas do mesmo clã. E se casassem pessoas do mesmo clã os filhos poderiam nascer com problemas, deficiências.

Atualmente existem alguns casais que são casados pertencendo ao mesmo clã. O que acontece na comunidade é que, principalmente, os mais velhos não aceitam e muitas vezes esses casais sofrem discriminação. Por exemplo, quando há uma festa e o casal vão pintados, os outros da comunidade identificam pela pintura que são do mesmo clã, assim quando a

chicha é servida o casal ganha apenas um pouquinho, enquanto que quem é casado da forma correta, com clã diferente tem o direito de pegar mais chicha.

O lugar da cerimônia de casamento era e ainda é combinado antes entre as famílias. Pode ser na casa do rapaz ou na casa da mulher.

De acordo com as anciãs, antigamente o casamento era realizado de madrugada, em grande silêncio e apenas se ouvia o barulho do colar quando a mulher que ia se casar estava atravessando o pátio da aldeia em direção a casa onde aconteceria a cerimônia de casamento. A mulher era e é preparada em sua casa pela madrinha. Ela é pintada e recebe o colar de casamento nas costas. Se o casamento acontecer na casa do rapaz, ela atravessa a aldeia fazendo barulho com o colar de casamento e vai até a casa dele. Se acontecer na casa dela, o rapaz sai da casa dele e vai para a casa dela. Mas, geralmente, o casamento é realizado na casa do rapaz.

A cerimônia do casamento era feita por outro casal e não pelo pai e mãe de quem está se casando. E faz parte da cerimônia fazer aconselhamentos ao casal, eles ficam explicando como deve ser a vida de um casal Rikbaktsa

As orientações eram assim: não é para ficar brigando na casa, tanto o homem quanto a mulher. A mulher era para fazer comida e não deixar o marido passar fome; sempre acompanhar o marido quando sair para fazer uma caçada ou pescaria (atividade diária para sobrevivência). O homem tem a responsabilidade de cuidar da família.

Depois dos conselhos era servido comidas e bebidas tradicionais que a própria família da moça e do rapaz fizeram, como por exempli, chicha, batata assada, peixe e beiju. Hoje o casamento ainda acontece, mas é muito difícil ser do jeito tradicional, mas os aconselhamentos existem. Também os casamentos são organizados com festa e muitas vezes utilizamos produtos industrializados.

## **2.1 O colar do casamento – *Tutãrã***

Existe um artesanato feminino que até os dias de hoje é usado pela moça que vai casar. Mesmo que o casamento tenha modificado, o colar e as pinturas permanecem.

O colar do casamento (*Tutãrã*) – (Fig. 2) é uma cultura material e imaterial produzida pelo povo Rikbaktsa desde muito tempo, ele faz parte da nossa ancestralidade, muitas mulheres Rikbaktsa já usaram o colar de casamento. Ele é uma cultura material porque é feito com os caramujos que são coletados na natureza. Eles ficam nas praias de água doce do rio Juruena e Arinos. Até hoje fazemos o artesanato do colar para o casamento.

Esse colar faz parte da cultura material e também da cultura imaterial porque faz parte da sabedoria do povo Rikbaktsa. Esse colar é que identifica a mulher Rikbaktsa que está se casando.

**Figura 2 – Colar de casamento**



**Fonte:** Gesilene Aikdapa, 2015.

Ele serve para ser usado nas cerimônias de casamento que são realizadas na comunidade. O colar de casamento é usado pela noiva quando ela vai se casar. Serve para enfeitar e deixar a noiva mais bonita e diferente de outras pessoas presentes.

O colar de casamento é feito de caramujo e penas de pássaros e também taquara que é enfeitada com pelo de caititu. Esse colar é usado somente nas cerimônias e não pode ficar toda hora passando a mão no caramujo porque nós, Rikbaktsa, acreditamos que pode mandar uma tempestade muito forte, por isso, que nós usamos este artesanato na ocasião certa.

O colar de casamento é feito de caramujo da água doce. Ele se tornou o símbolo do casamento devido ao uso constante nas cerimônias. Em razão disso, se denominou colar de casamento.

As anciãs disseram que o povo Rikbaktsa sempre utilizou esse tipo de colar nas cerimônias de casamento. Representa união entre duas pessoas, o homem e a mulher.

Existem alguns impedimentos relacionados ao colar de casamento e um deles é que as mulheres que estão grávidas não podem tocar nele; nem a mulher e nem o marido. Não pode tocar porque senão a criança nasce e não vai parar de babar, vai ficar soltando gosma feito caramujo. Ele é muito lento e vai impedir que a criança tenha um bom desenvolvimento, vai demorar muito para a criança aprender a andar. Por isso, a mulher grávida e seu marido devem tomar cuidado e não tocar no colar de casamento.

## **2.2 A preparação da mulher Rikbaktsa para o casamento**

A preparação da mulher Rikbaktsa é muito importante. Duas mulheres se arrumam bastante porque são importantes nesse dia, a mulher que é a madrinha da moça que vai se casar deve estar muito bonita. Assim, a madrinha se enfeita com colares de sementes, enfeites de arte plumária, pinta o rosto e fica bem bonita.

A mulher que vai se casar também se enfeita com pintura no corpo e coloca o colar de casamento que é feito de concha da água (*Tutārã*) e também usa pulseira de rabo de tatu.

Elas se pintam e ficam bem bonitas. As duas sempre precisam da ajuda de outras mulheres das aldeias para se arrumarem. Era uma alegria imensa na aldeia. A madrinha é muito importante no casamento, ela é uma das pessoas que aconselha o casal.

Para entender melhor sobre o casamento, procurei duas anciãs para falar sobre o assunto, gravei e depois transcrevi as entrevistas.

A seguir, temos o depoimento da senhora Maria de Rosália Rikbaktatsa, com a idade aproximadamente 80 anos, da aldeia Laranjal. Ela nos diz o seguinte:

*Antigamente não casavam pequeninhas, casavam na idade entre 20 anos. Hoje em dia já não é, mas assim. Assim que eles ficavam sabendo... Depois eles marcavam o casamento, antes ficavam vendo, sondando se ia dar certo namoravam com ela e numa festa marcava o casamento. Para fazer o casamento iriam três mulheres, elas que se enfeitavam... Essas três mulheres colocavam o colar de casamento nela mesmo e elas iam buscar a rede do menino para poder casar. E geralmente este rapaz ficava na casa dos homens (mykyry) conhecida como o rodeio. Mas antes do casamento iam de casa em casa para convidar as pessoas para o casamento daquele rapaz. Naquela época, não tinha nada de roupa, era só*

*colar de casamento e colar normal que usamos hoje no dia a dia (Consultora nativa Maria Rosália Rikbaktatsa, setembro de 2015).*

Perguntei a anciã Maria de Rosália como eram os cantos e as danças na festa do casamento e ela respondeu que:

*No casamento nunca tocou flauta e nem dança... Até hoje é assim... Sempre no final da festa que fazia o casamento, e o casamento só acontecia de madrugada quando a aldeia estava bem quieto. Quando acabava a cerimônia de casamento, aí que tinha o alimento tinha neste dia só a batata doce assado, beiju, chicha. Eles colocavam os alimentos, dentro da uma peneira feito de palha de inajá novo. E também eles forravam palha no chão para colocar os alimentos. Os alimentos eram batata doce, cara, beiju de massa de mandioca, carne de macaco e chicha de milho ou batata. Mas estes alimentos preparavam antes do casamento, já deixava pronto para levar pro mykyry. Assim era o casamento antigamente (Consultora nativa Maria Rosália Rikbaktatsa, setembro de 2015).*

Também perguntei se o colar de casamento era usado apenas no casamento ou podia ser usado depois e a anciã falou que:

*Depois do casamento, o colar que foi usado para fazer casamento era guardado, só servia para fazer o casamento. Mesmo assim algumas mulheres também usavam na festa tradicional. Ou a dona do colar... Era muito difícil ver, mas, às vezes usava o colar para ir à roça. Quando chovia, elas colocavam o colar numa palha (embrulhar) para não molhar. Mas o colar deve ser usado para fazer casamento (Consultora nativa Maria Lucia Mytsiku Rikbaktatsa, outubro de 2015).*

Na entrevista com a senhora Maria Lucia Mytsiku Rikbaktatsa, de 59 anos, ela contou como foi o seu casamento.

*O meu casamento foi com o colar de casamento, este foi no primeiro casamento, já no segundo casamento eu só me ajuntei, este eu me casei sozinha mesmo. Antigamente era muito bonito o casamento. Porque o colar fazia barulho e quem escutava já sabia que aquela pessoa ia se casar, este chamava muita atenção. Hoje eu lembro muito da minha mãe que ela contava muitas outras histórias, e tem horas que fico triste (Consultora nativa Maria Lucia Mytsiku Rikbaktatsa, outubro de 2015).*

Então, o colar do casamento era o enfeite da mulher e também o objeto que trazia alegria e anunciava que ia ter casamento. O colar fazia barulho e era feito sem danças e sem o som da flauta, mas tinham muitos alimentos tradicionais.

### **2.3 Preparação do homem para o casamento**

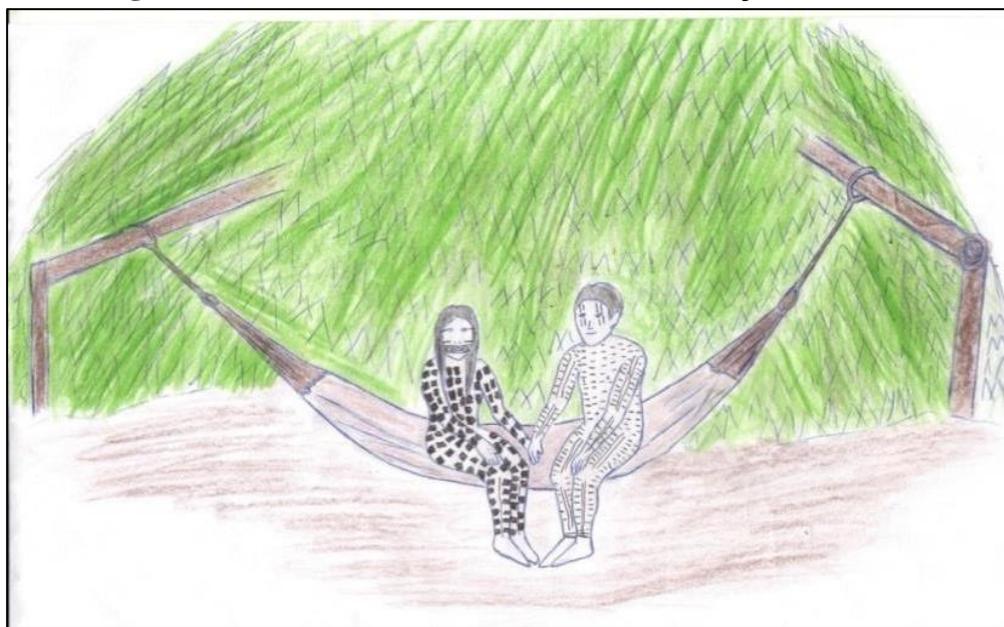
Antigamente em todas as aldeias Rikbaktsa, o rapaz ficava na casa (*Mykyry*) dos homens (Rodeio). Uma casa grande que ficava no meio da aldeia e onde acontecia a reunião dos homens. Era nesse lugar e ainda nas aldeias que tem o *mykyry* que os rapazes se preparam para hora de se unir à mulher, sua futura esposa.

No dia do casamento, ele pinta de acordo com o seu clã e usa um colar de pescoço. Quando chega perto da cerimônia, uma das pessoas leva a rede do rapaz até a casa da menina (quando o casamento vai ser na casa dele) e amarrava a rede do rapaz ao lado da rede da menina. Quando a rede já está amarrada, o pessoal ou a madrinha instrui de como é a vida de união entre duas pessoas.

## 2.4 As regras do casamento

O casamento considerado bom entre clãs é o da arara amarela com a arara cabeçuda.

**Figura 3 – Casal do Clã Arara amarela e Cabeçuda**



Fonte: Aikdapa, 2015

A metade Rikbaktsa é associada à arara amarela (*Makwaraktsa*) e a outra metade à arara vermelha (*Hazobiktsa*), conhecida como cabeçuda. Não é a arara vermelhinha.

O casamento só é permitido com os membros de outros clãs.

**Figura 4 – Clã arara cabeçuda e clã arara amarela**



Fonte: Aikdapa, 2015

### **CAPITULO III – SITUAÇÃO ATUAL E AMEAÇAS AO CASAMENTO RIKBAK TSA**

Os anciões da aldeia contam que antigamente o nosso povo Rikbaktsa é que escolhia as pessoas que iriam se casar, isso quando ainda eram crianças. Mas, às vezes, esses jovens se apaixonavam pela pessoa que não foi escolhida e a contragosto das famílias. Quando era descoberto o namoro, as famílias aconselhavam para não namorar, porém, não tendo jeito, o casamento era feito rapidamente, muitas vezes, até no mesmo dia. Isso acontecia quando era de clãs diferentes e se fosse do mesmo clã eles eram separados um do outro. E forçava o casamento com o escolhido.

O casamento não pode ser realizado entre pessoas do mesmo clã, porque nós acreditamos que o filho pode ter algum problema, ou seja, pode nascer com algum tipo de deficiência física, por isso, que não podem casar com o mesmo clã, ou seja, primos.

Hoje em dia, já não está sendo desta forma porque há pessoas casando com o mesmo clã ou com não indígenas, causando preocupação, pois a cultura mudou muito com a influência do não indígena.

Isso está acontecendo devido à falta de orientação dos pais que conhecem as histórias, as regras, a nossa organização e, muitas vezes, não ensinam as crianças. Se as crianças não aprenderem desde pequenos a que clã pertencem e como este clã se pinta, futuramente, as divisões de clãs podem se perder. Por isso, é muito importante registrar e viver as nossas histórias e a organização social do nosso povo Rikbaktsa. Então uma grande ameaça é a falta de orientação aos nossos filhos.

#### **3.1 Ameaças de não realização do casamento tradicional Rikbaktsa**

São várias as ameaças na realização do casamento tradicional Rikbaktsa. Os jovens de hoje não querem seguir o casamento tradicional. Na atualidade, o casamento tradicional quase já não é mais realizado como antes. Muito dos nossos jovens estão casando com pessoas de outra etnia e com os não indígenas e isso altera no casamento e no clã.

A nossa comunidade não aceita esses tipos de casamento, principalmente, com os não indígenas, porque a cultura não indígena é muito diferente da nossa. Vemos isso como uma interferência na cultura do nosso povo. Existem na nossa comunidade algumas pessoas que são casadas com não indígena, porém, não moram na aldeia porque a comunidade não aceita que eles fiquem. Assim, o contato com os não indígenas fez com que também o indígena

casasse com outras pessoas que não fossem do povo indígena. Quando acontece uma união dessa forma, não é feito o casamento tradicional.

### **3.2 A construção das PCHs também interfere no casamento tradicional**

A proposta de construção de PCHs em nossas Terras Indígenas é uma ameaça para a continuidade do casamento tradicional Rikbaktsa, pois com as pequenas usinas hidrelétricas, que são várias, causarão impactos ambientais em lugares onde são retirados materiais para a confecção do colar de casamento, como é o caso da concha da água. O *tucumã* que é uma palmeira que dá um coquinho usado no colar de casamento. Essa palmeira fica na mata e pode também desaparecer porque com a construção da usina pode acontecer alagamentos e também poderá atingir o tucumã, tendo em vista que os alagamentos geralmente se espalham em grandes áreas. Assim a usina é uma grande ameaça não apenas para o colar, para o casamento tradicional, mas para toda a nossa vida.

As nossas Terras Indígenas ficam na sua maioria às margens do rio Juruena e na avaliação do não índio o rio Juruena tem um grande potencial de produção de energia elétrica e já sabem que haverá alagamento, mas não nos ouvem. Segundo eles,

O conjunto complexo do Juruena, entre a foz do Arinos até a foz do Rio Preto. Associado ao impacto do JRN-530 no limite Oeste da TI Erikbaktsa, tem-se, ainda, o AHE Kabiara inventariado na porção sudeste da TI, cuja área de inundação poderá afetar cerca de 70 km<sup>2</sup> da área da TI. Considerando o impacto relacionado à perda de área e os impactos referentes aos aspectos etnoculturais de ambos os aproveitamentos, a nota obtida de impactos sobre a terra e os povos indígenas da TI Erikbaktsa chega a 0,91 (PETTENÁ, 2010, p.226).

Para nós, Rikbaktsa, o empreendimento das UHEs vai interferir no casamento tradicional, pois as lagoas e córregos onde pegamos os caramujos para fazer o colar de casamento serão inundados pelas Usinas Elétricas. Também grandes e inúmeras praias desaparecerão, ficando assim muito mais difícil do que já é para pegar caramujo da água.

As construções das PCHs desestruturaram todo o ritual que os nossos anciões vêm conservando há muitos e muitos anos. Os não indígenas vão acabar com tudo em pouco tempo, tudo isso em nome do progresso. Como ficará a nossa identidade cultural?

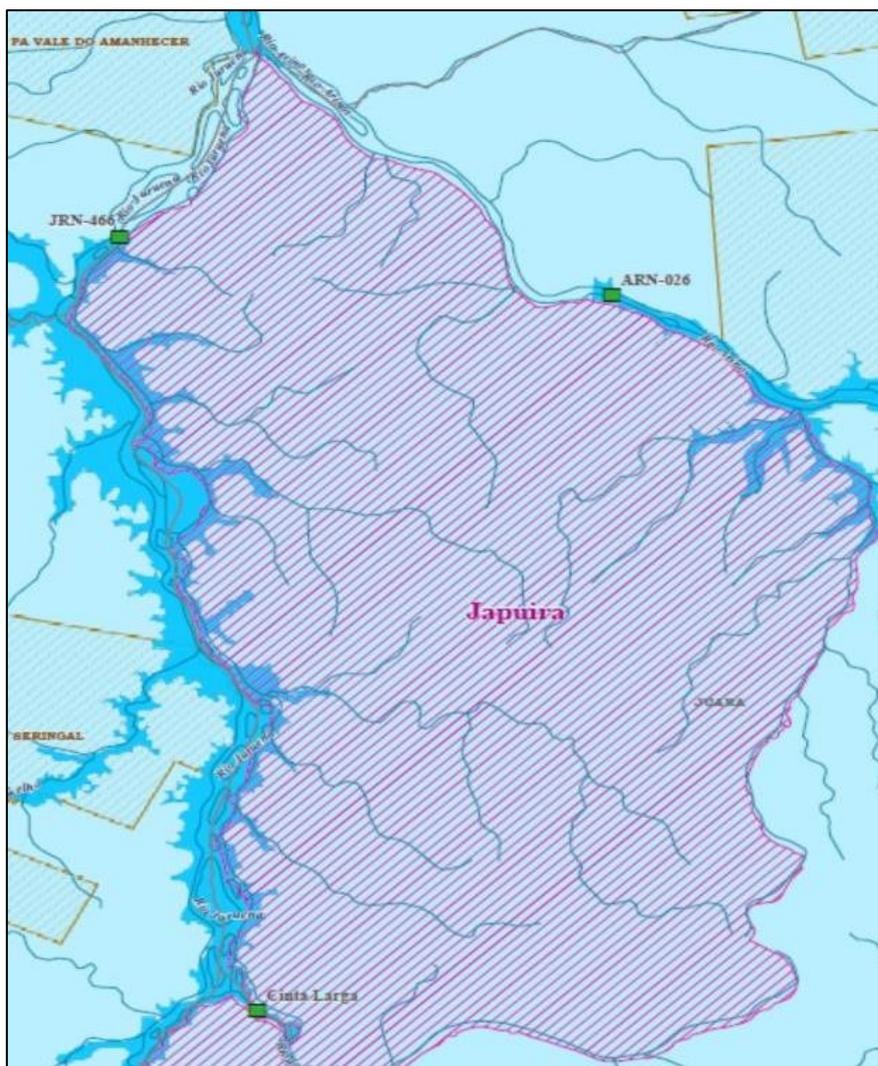
O mapa abaixo mostra a Terra Indígena Erikbaktsa e a quantidade de água.

**Figura 5 – Terra Indígena Erikbaktsa**

**Fonte:** Levantamento Hidrográfico. EPE Data: 18/11/2010, p.226.

O que não pode faltar na vida dos Rikbaktsa, segundo documento dos Rikbaktsa (2014) feito junto com ASIRIK (Associação Indígena Rikbaktsa) e AMOURIK (Associação das Mulheres Indígenas Rikbaktsa) são elementos como a comunicação, cultura, saúde, lazer, educação, organização e, por último, alimento e ambiente. Nesse último agrupamento, ficou assim, não pode faltar para o Rikbaktsa: frutos perto da aldeia, castanhas, florestas, caça e pesca, água natural, terra e roça. Nós sabemos e estamos ouvindo de outros parentes que as construções de usinas hidrelétricas destroem tudo, é perigoso perder as nossas riquezas naturais de sobrevivência e de cultura. Todas as terras Rikbaktsa estão ameaçadas com essas construções, entre elas, a Terra Indígena Japuira (Fig. 6).

**Figura 6 – Terra Indígena Japuira**



**Fonte:** Levantamento Hidrográfico. EPE, 2010.

É previsto que aconteçam muitas transformações e que o povo Rikbaktsa fique prejudicado em relação a sua cultura material e imaterial.

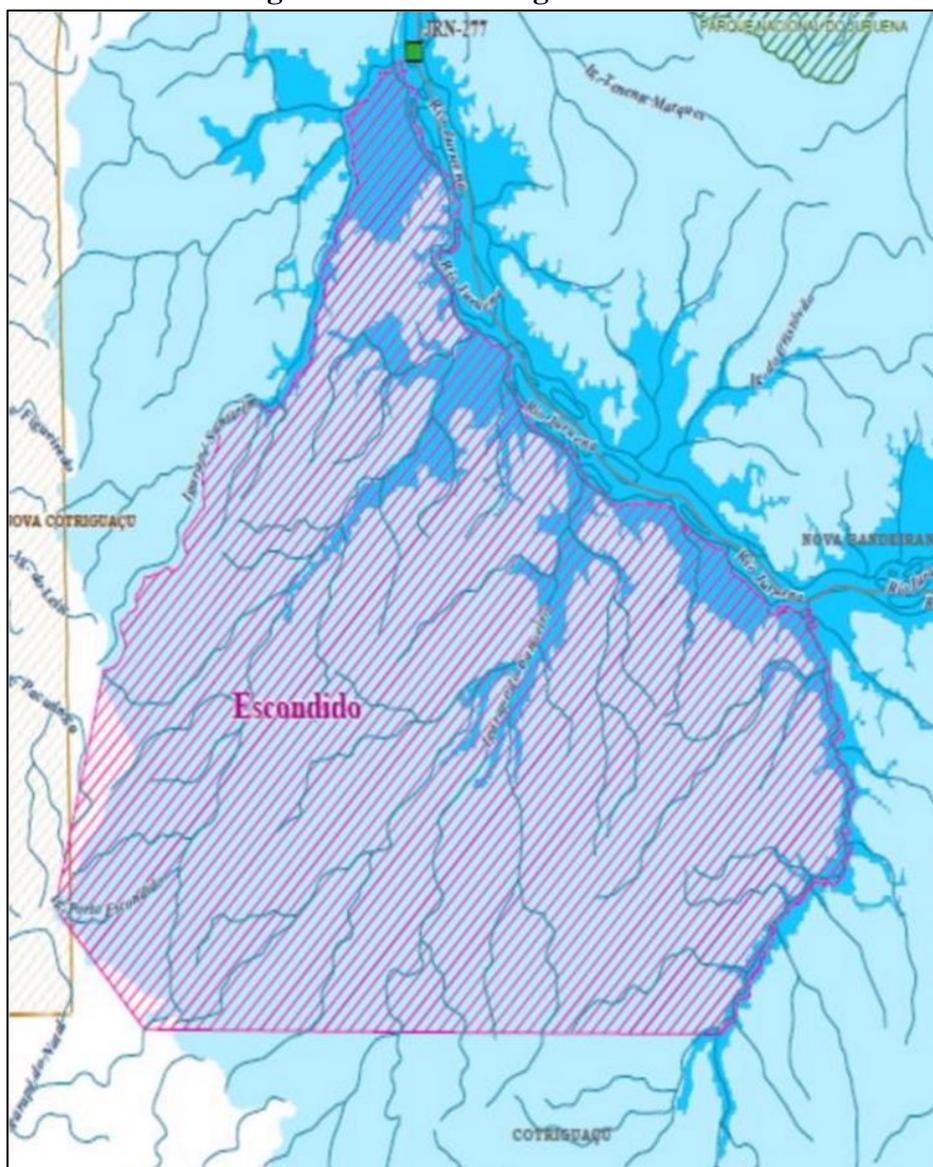
Considerando os empreendimentos JRN-466, JRN-530 e o AHE Kabiara pode-se prever impactos muito significativos sobre a etnia Rikbaktsa. Nesse sentido, a nota atribuída ao conjunto dos aproveitamentos situados nesse trecho, que afetam as TIs Japuira e Erikbaktsa foi de 0,865, alta ao conjunto Médio Juruena – Foz do Sangue (PETTENÁ, 2010, p.226).

Vendo o mapa acima, pode-se ver muito bem o quanto será alagada parte de nossa terra, justamente, onde coletamos os caramujos para fazer os nossos artesanatos, principalmente, o colar de casamento.

Ter colocado neste trabalho os três mapas das Terras Indígenas do povo Rikbaktsa foi para demonstrar o quanto estamos preocupados com essas construções. O povo está lutando,

mas é quase impossível impedir que elas aconteçam. O mapa que está abaixo é o da Terra do Escondido (Fig. 7).

**Figura 7 – Terra Indígena Escondido**



**Fonte:** Levantamento Hidrográfico. EPE, 2010.

Toda a Terra Indígena do nosso povo sofrerá com a construção das usinas e o colar pode desaparecer da nossa cultura, porque é nesses lugares que os caramujos ficam. Vai desaparecer uma espécie de caramujo e, junto com eles, também pode desaparecer o colar do casamento tradicional Rikbaktsa porque a construção dessas PCHs está espalhada por toda a nossa área, nas três Terras Indígenas Rikbaktsa (Fig. 8).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, encontramos muitas dificuldades para coletar todas as informações necessárias para chegar ao resultado final. Mesmo assim, obtive uma boa parte do que precisava para registrar a cultura do meu querido povo Rikbaktsa nesta história deste país chamado Brasil. Percebemos que é de grande importância conhecer a vida do próprio povo e a nossa organização social, pois a verdadeira história se constrói pela participação social, acompanhada da evolução e das mudanças sociais da sociedade humana.

Este estudo não foi um trabalho final, eu pretendo dar continuidade na minha pós-graduação. Falar sobre o casamento Rikbaktsa me aproximou de uma grande preocupação do meu povo, do que acontecerá conosco após a construção dessas usinas que o governo quer fazer. Era para tratar só do casamento, mas com a pesquisa, vi que um material da nossa cultura que é o colar de casamento pode desaparecer porque se houver mesmo a inundação o caramujo desaparecerá e o nosso colar também.

Tenho orgulho de mostrar à sociedade não indígena que eu, como indígena nativa, tenho condições e capacidade de documentar a história do meu povo, usando minha própria habilidade e inteligência, sem sofrer interferência. Com a evolução social, estas histórias precisam estar escritas para que o tempo não as venha apagar.

Existem autores que descrevem a vida do indígena, porém, nem tudo o que é escrito é real. Muitos usufruem da inocência do indígena para publicarem livros que, muitas vezes, registram práticas que não existem dentro daquele povo. Quem tem que escrever estas histórias somos nós mesmos, os próprios indígenas. Nós que convivemos junto do povo e conhecemos a história e sabemos o que faz parte do nosso dia a dia.

Deixaremos a marca da resistência, levantando a nossa bandeira de escritores indígenas e queremos dizer que estamos presentes, acompanhando a transformação social do mundo moderno, mas nunca deixando de ser indígenas, filhos do criador e da natureza.

Devemos valorizar a nossa história e continuar preservando-a. Para mim, este trabalho foi muito importante, tenho a esperança de que ele seja útil como fonte de pesquisa para todos que tiverem a oportunidade de lê-lo.

Espero que esta monografia sirva como material didático e fonte de informação para nossa comunidade e para a sociedade não indígena.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PETTENÁ, José Luiz. **Levantamento Hidrográfico**. EPE. CREA N° 0600219777 Data: 18/11/2010, p.226.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa**: um estudo de Parentesco e Organização Social. (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

RICKBATSA. **Plano de Gestão Territorial da Terra Indígena do Escondido**. Disponível em: <http://www.icv.org.br/site/wpcontent/uploads/2014/09/>. Acessado em: 06 de abr. 2016.

SKIRIPI, Paulo Henrique. O resgate pela **História**, 2002.

## CONSULTORES NATIVOS

RIKBAKTATSA, Maria Lucia Mytsiku. 59 anos.

RIKBAKTSA, Roque Mãikata. 60 anos.

RIKBAKTATSA, Maria do Rosália. 80 anos